

Ensinem afeto nas escolas. Os bons profissionais precisam ser, antes de tudo, bons seres humanos.

Um médico que saiba calcular as doses do medicamento é um bom profissional, mas um médico que saiba dosar as palavras na hora de dar um diagnóstico terrível é um bom ser humano.

Um professor que saiba transmitir o conteúdo é um bom profissional, mas um professor que consiga transformar o conteúdo de cada aluno é um bom ser humano. Um repórter que cubra notícias com informações precisas é um bom profissional, mas um repórter que se (re)descubra fazendo uma matéria é um bom ser humano.

Um policial que resgata uma criança sequestrada é um bom profissional, mas um policial que se emocione enquanto entrega a criança de volta para a mãe é um bom ser humano.

É que acontece que bons profissionais são confundidos com máquinas – precisas, frias e incansáveis – e, por isso, ecoa pelo mundo inteiro um pedido: ensinem afeto nas escolas. Precisamos formar seres humanos. Os bons profissionais precisam ser, antes de tudo, bons seres humanos.

A matemática não basta se as contas não servirem para mostrar como a divisão do dinheiro é injusta, como uns poucos ganham muito e uns muitos ganham pouco.

A história não é suficiente se os livros não contarem que os povos indígenas já moravam aqui antes de serem descobertos e roubados e explorados pelos europeus. A gramática não serve de nada se as regras não explicarem que pode haver um sujeito oculto sentado ao lado da sua carteira e você nem notou que ele também gosta de conversar, de dar risadas e de trocar figurinhas na hora do recreio.

Ensinar afeto é tarefa complexa, muito mais que as matérias que são ensinadas na escola. Porque ensinar afeto é abrir a porta para os sentimentos, é se colocar na pele do outro, é sofrer com a dor do colega, é se alegrar com a conquista do amigo. É reservar um tempo para olhar para o céu, para acompanhar a formiguinha trabalhando, a flor se abrindo, o feijãozinho crescendo no algodão. É dar a mão, o colo, o abraço, o calor.

Ensinar afeto é explicar que tudo bem sentir medo, que não é o fim do mundo tirar uma nota baixa na prova, que não tem problema errar, que não faz mal algum cair e que é permitido pedir ajuda.

Aliás, ensinar afeto é compartilhar diferentes maneiras de ajudar e de ser ajudado. É entender que a gente também está vivendo e errando e aprendendo durante a viagem e não vale focar apenas na chegada.

Eu sei, isso não cai no vestibular, nem no concurso público. Isso não conta muitos pontos no Lattes e nem faz o perfil no LinkedIn ganhar mais visualizações. Isso não é pré-requisito para a

vaga disputada e isso não é diferencial no processo seletivo. Isso não aumenta as chances de passar de ano e nem de ser escolhido para a entrevista de emprego.

Mas é que isso não tem nada a ver com passar na frente, com ser escolhido, com se dar bem no mercado de trabalho, com virar bicho na faculdade. Isso tem a ver com ser humano. E, no fim, afeto é tudo o que importa, acredite! Você vai preferir encontrar pela vida bons seres humanos do que bons profissionais.

Acontece que só consegue ensinar afeto quem aprendeu a escutar (pois já não bastava apenas ouvir), quem aprendeu a enxergar (pois já não bastava apenas ver), quem aprendeu a sentir (pois não bastava apenas tocar).

E coisas como o afeto, depois que se aprende, nunca mais se esquece, feito andar de bicicleta: a gente passa a usar os ouvidos da alma e os olhos do coração.

Fonte: Ana Helena Lopes